

AS23713

emprego

Desemprego é o maior desde maio de 2002

Desocupação atingiu 12,8% e a queda da renda ficou em 14,7% no mês passado

Rio - O mercado de trabalho piorou em maio, com aumento na taxa de desemprego e queda significativa na renda dos ocupados. Dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontaram que a desocupação atingiu 12,8% no mês, a maior taxa desde março de 2002.

A queda no rendimento médio dos trabalhadores também foi histórica: 14,7% em maio, em relação a igual mês do ano passado. Foi a menor renda apurada pelo IBGE desde o início da série, em outubro de 2001.

O salário médio real (descontada a inflação do período) encolheu R\$ 145 em um ano. Este valor representa,

hoje, mais da metade do salário mínimo em vigor no país, de R\$ 240. Em maio do ano passado, a renda média do trabalhador atingia R\$ 985,86 e, no mesmo mês deste ano, era de R\$ 841,00.

"Os trabalhadores estão perdendo o poder de barganha", avalia o gerente da pesquisa mensal de emprego do IBGE, Cimar Azeredo Pereira. "Esses dados refletem o fundo do poço da economia a que chegamos no final deste semestre", ressalta o professor do Ibmec Business School, Ruy Quintans.

Reflexo

Segundo ele, a recuperação da economia, que deverá ocorrer a partir de agora, será lenta e não terá reflexo sobre o emprego até setembro. O levantamento do mercado de trabalho nas seis principais regiões metropolitanas do país mostrou que não estão sendo criadas vagas suficientes para absorver o aumento na procura por emprego.

Em maio, a ocupação cres-

ceu 5,5% ante igual mês do ano passado, o que significa um acréscimo de 950 mil vagas. Por outro lado, os desocupados (não trabalham mas procuram emprego) aumentaram 15,4% no período, com o ingresso de 360 mil pessoas na fila do emprego. Ou seja, mesmo com a abertura de novos postos de trabalho, milhares de pessoas ainda ficam sem ocupação.

Além disso, segundo Pereira, está ocorrendo uma desaceleração no ritmo da ocupação, enquanto a desocupação prossegue em trajetória ascendente. A informalidade também continua crescendo, com aumento de 6,9% no número de trabalhadores sem carteira assinada e de 8% nos que trabalham por conta própria, em maio, contra o mesmo mês de 2002.

O emprego com carteira cresceu em taxa bem inferior (3,2%) no período. "O panorama econômico que leva o trabalhador a perder o poder de barganha acaba por estimular a criatividade e as pes-

soas buscam atividades de renda mais baixa, inclusive no mercado informal", analisa o gerente da pesquisa.

Retorno tardio

A retração da renda provoca também o fenômeno de diminuição da população economicamente inativa (fora do mercado de trabalho). Desde maio do ano passado, 520 mil pessoas voltaram ao mercado, para trabalhar ou lutar por uma vaga.

O destaque, nesse caso, é o retorno dos que têm idade acima de 50 anos. O IBGE registrou um aumento de 15,5% da população economicamente ativa (no mercado, trabalhando ou procurando trabalho) nessa faixa etária no período.

A queda no rendimento dos trabalhadores foi provocada especialmente pelos resultados apurados na região metropolitana de São Paulo, que responde por 40% do mercado de trabalho das seis regiões pesquisadas pelo IBGE. (AE)

DESEMPREGO, é o maior desde maio de 2002.
A Gazeta. Vitória, 27 de Junho de 2003.
p. 101 e 1, 2, 3 e 4.